Lição 11: Por que o Homem Feliz Precisa de Amigos

> *Aos que consideram, porém, mais naturalmente, parece que o amigo virtuoso é por natureza escolhível para o virtuoso. [1900]*
>
> *Pois, como se disse, o naturalmente bom é bom e deleitável em si mesmo para o virtuoso. [1901]*
>
> *Ora, o viver define-se nos animais pela potência do sentido, e nos homens pelo sentido ou pelo intelecto. Mas a potência reduz-se à operação; e o principal está na operação. Parece, pois, que o viver é principalmente sentir ou entender. [1902]*
>
> *Ora, o viver está entre as coisas que são boas e deleitáveis em si mesmas, pois é algo determinado; e o que é determinado pertence à natureza do bem. Ora, o naturalmente bom também é epieikes. Por isso, parece a todos ser deleitável. [1903]*
>
> *Não se deve, porém, tomar a vida má e corrompida, nem a que está nas tristezas; pois tal vida é indeterminada, assim como as coisas que lhe são inerentes. Nas coisas que se dirão acerca da tristeza, isto ficará mais manifesto. [1906]*
>
> *Se, porém, o próprio viver é bom e deleitável (e parece sê-lo também pelo fato de que todos o desejam), sê-lo-á sobretudo para os virtuosos e bem-aventurados; pois para estes a vida é mais escolhível, e destes a vida é a mais bem-aventurada. [1907]*
>
> *Ora, quem vê sente que vê, e quem ouve, que ouve, e quem caminha, que caminha, e semelhantemente nas outras coisas há algo que sente que operamos. Ora, sentimos que sentimos e entendemos que entendemos; e isto, que sentimos ou entendemos, é que somos; pois ser era sentir ou entender. Ora, sentir que se vive está entre as coisas deleitáveis em si mesmas; pois a vida é por natureza um bem, e sentir o bem existente em si mesmo é deleitável. E o viver é escolhível, e sobretudo para os bons, porque o ser é bom para eles e deleitável; pois, sentindo simultaneamente aquilo que é bom em si mesmo, deleitam-se. [1908]*

> *Ora, como o virtuoso se comporta para consigo mesmo, assim também para com o amigo, pois o amigo é outro ele mesmo; portanto, assim como o próprio ser é escolhível para cada um, assim também o do amigo, ou quase. Ora, o ser era escolhível por causa de sentir a si mesmo como sendo bom, e tal sentir é deleitável em si mesmo. É preciso, portanto, sentir simultaneamente também que o amigo existe; e isto se dará, sem dúvida, no conviver e comunicar-se por palavras e pela mente; pois assim, com efeito, se dirá que há um conviver entre os homens, e não como entre os animais, o pastar no mesmo lugar. Se, portanto, para o bem-aventurado o ser é escolhível em si mesmo, sendo por natureza bom e deleitável, e se o do próximo, que é do amigo, é semelhante, então também o amigo estará entre as coisas escolhíveis. [1909]*
>
> *Ora, aquilo que é escolhível para ele, isto deve existir para ele, ou de outro modo será necessitado. Haverá, portanto, necessidade, para quem há de ser feliz, de amigos virtuosos. [1912]*

1900. ***Aos que consideram, porém, mais naturalmente*** etc. Depois que o Filósofo apresentou certas razões morais das quais se mostra que o feliz necessita de amigos, agora mostra o mesmo por meio de uma razão mais natural.

E, primeiro, mostra que é escolhível para o feliz ter um amigo;

segundo, conclui, além disso, que o feliz necessita de amigo, em: ***ora, aquilo que é escolhível para ele*** etc.

A respeito do primeiro, faz duas coisas.

Primeiro, propõe o que pretende. E diz que, se alguém quiser considerar por meio de uma razão mais natural, aparecerá manifestamente que, para o virtuoso e feliz, o amigo virtuoso é naturalmente escolhível, ainda mais do que os outros bens exteriores.

1901. Em segundo lugar, em: ***pois por natureza*** etc., prova o proposto.

E, primeiro, mostra o que é naturalmente escolhível e deleitável para o virtuoso a respeito de si mesmo;

segundo, mostra o que lhe é escolhível e deleitável a respeito do amigo, em: ***ora, como para consigo mesmo*** etc.

A respeito do primeiro, faz duas coisas:

primeiro, mostra que ao virtuoso é naturalmente escolhível ser e viver;

segundo, mostra que lhe é deleitável e escolhível sentir isto, em: ***ora, quem vê que vê*** etc.

A respeito do primeiro, estabelece tal razão: tudo o que é naturalmente bom é para o virtuoso bom e deleitável em si mesmo, como fica claro naquelas coisas que se disseram acima no sétimo livro; mas o ser e o viver é naturalmente bom e deleitável para os viventes; logo, o ser e o viver é bom e deleitável para o virtuoso.

1902. A premissa maior é por si clara no texto. Estabelece a menor em: ***ora, o viver*** etc. A respeito da qual faz três coisas.

Pois, primeiro, manifesta em que consiste o viver. E diz que em todos os animais comumente se define o viver segundo a potência do sentido; nos homens, porém, define-se segundo a potência do sentido, quanto àquilo que tem em comum com os demais animais, ou segundo a potência do intelecto, quanto àquilo que lhe é próprio. Ora, toda potência reduz-se à operação como à própria perfeição; donde aquilo que é principal consiste na operação e não na potência nua, pois o ato é mais poderoso do que a potência, como se prova no nono livro da Metafísica. E disto fica claro que principalmente o viver do animal ou do homem é sentir ou entender; pois quem dorme, porque não sente nem entende em ato, não vive perfeitamente, mas tem a metade da vida, como se disse no primeiro livro.

1903. Em segundo lugar, em: ***ora, o viver*** etc., mostra que o viver é naturalmente bom e deleitável. E diz que o próprio viver está entre o número daquelas coisas que são boas e deleitáveis por si, e prova isto pelo fato de ser determinado; ora, aquilo que é determinado pertence à natureza do bem.

1904. Para evidência disto deve-se considerar que a potência, quanto é de si, é indeterminada, porque se comporta em relação a muitas coisas, mas determina-se pelo ato, como fica claro na matéria e na forma; ora, a potência sem ato é potência com privação, a qual faz a noção de mal, assim como a perfeição que se dá pelo ato faz a noção de bem; e por isso, assim como algo, quando é indeterminado, é mau, assim o determinado, enquanto tal, é bom;

1905. Ora, o viver é determinado, sobretudo na medida em que consiste principalmente na operação, como foi dito; por isso é evidente que o viver é naturalmente bom. Mas aquilo que é naturalmente bom é também bom para o virtuoso, como foi dito, pois o virtuoso é a medida no gênero humano, como foi dito. E por isso, porque o viver é naturalmente bom, vemos que é deleitável para todos.

1906. Em seguida, quando diz: ***não é preciso, porém*** etc., remove uma dúvida, dizendo que, naquilo que foi dito, isto é, que o viver é naturalmente bom e deleitável, não se deve tomar a vida má, ou seja, viciosa e corrompida, isto é, que se afasta da ordem da natureza, nem tampouco a vida que está nas tristezas; pois tal vida não é naturalmente boa, porque é indeterminada, isto é, carente da devida perfeição, assim como o são também as coisas que existem em torno dela. Pois, uma vez que cada coisa é determinada por aquilo que nela existe, se isso for indeterminado também ela será indeterminada; por exemplo, se a doença é indeterminada, também o corpo doente será indeterminado; e assim a vida que está com a malícia ou a tristeza é indeterminada e má, assim como a própria malícia e corrupção ou tristeza. E isto ficará mais manifesto no que se segue, isto é, nas questões consequentes, nas quais se tratará da tristeza.

1907. Em seguida, quando diz: ***se, porém, o próprio viver*** etc., infere a conclusão da razão precedente. E diz que, se o próprio viver é naturalmente bom e deleitável (o que se manifesta não só pela razão precedente, mas também por isto, que todos o desejam), seguir-se-á que aos sumamente virtuosos e bem-aventurados o viver é bom e deleitável; pois, uma vez que a vida destes é a mais perfeita e a mais bem-aventurada, por isso deve ser por eles mais escolhida.

1908. Em seguida, quando diz: ***ora, aquele que vê*** etc., mostra que sentir-se viver é digno de ser escolhido e deleitável para o virtuoso. Pois aquele que vê que vê sente a sua visão, e do mesmo modo se dá com aquele que ouve que ouve; e semelhantemente acontece nas outras coisas, que alguém sente que opera. Ora, nisto, que sentimos que sentimos e entendemos que entendemos, sentimos e entendemos que somos: pois foi dito acima que o ser e o viver do homem consistem principalmente em sentir ou entender. Mas o fato de alguém sentir que vive está entre aquelas coisas que são deleitáveis por si mesmas, porque, como foi provado acima, o viver é naturalmente bom; e o fato de alguém sentir que o bem está em si mesmo é deleitável. E assim é evidente que, sendo o viver digno de ser escolhido e sumamente bom para os bons, para os quais o ser é bom e deleitável, também o perceber que sentem e entendem lhes é deleitável, porque, juntamente com isso, sentem aquilo que lhes é por si mesmo bom, a saber, o ser e o viver, e nisso se deleitam.

1909. Em seguida, quando diz: ***ora, como para consigo mesmo*** etc., mostra a partir do que precede o que é para o virtuoso e feliz digno de ser escolhido e deleitável em relação ao amigo. E diz que o virtuoso se comporta em relação ao amigo assim como para consigo mesmo, porque o amigo é de certo modo um outro ele mesmo; assim, portanto, como para cada virtuoso é digno de ser escolhido e deleitável que ele mesmo seja, assim lhe é digno de ser escolhido e deleitável que o amigo seja; e se não igualmente, ao menos de modo próximo; pois maior é a unidade natural que alguém tem consigo mesmo do que a unidade de afeto que se tem em relação ao amigo. Ora, foi dito acima que ao virtuoso é digno de ser escolhido e deleitável o seu ser e viver por causa disto, que ele sente que o seu ser e viver é bom; e tal sentido é deleitável por si mesmo, aquele pelo qual alguém sente que o bem lhe está presente. Assim, portanto, como alguém se deleita no seu ser e viver ao senti-lo, assim, para que se deleite no amigo, é preciso que sinta ao mesmo tempo que ele é,

1910. o que sucede, com efeito, convivendo com ele segundo a comunicação de palavras e de considerações da mente; pois deste modo se diz que os homens propriamente convivem entre si, isto é, segundo a vida que é própria do homem, e não segundo o fato de se alimentarem juntos, como acontece com os animais.

1911. Assim, portanto, a partir de tudo o que precede, conclui aquilo que se propusera, dizendo que, se para o bem-aventurado é por si mesmo digno de ser escolhido o seu ser, enquanto é naturalmente bom e deleitável; visto que o ser e a vida do amigo estão, quanto ao afeto dele, próximos da própria vida, segue-se que também o amigo é digno de ser escolhido pelo virtuoso e feliz.

1912. Em seguida, quando diz: ***ora, aquilo que é*** etc., mostra ainda que ao feliz são necessários os amigos. Pois aquilo que é para o feliz digno de ser escolhido é preciso que lhe esteja presente, de outro modo permanecerá na indigência, o que é contra a noção de felicidade, que requer suficiência. Requer-se, portanto, que aquele que está no estado de felicidade tenha necessidade de amigos virtuosos. Ora, fala aqui da felicidade tal como pode ser nesta vida, como foi dito no

primeiro livro.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:07:36 by Admin
Updated 17 October 2026 13:36:22 by Admin